

A ÚLTIMA GOTA

É preciso mudar os hábitos de consumo, não é possível usar métodos de irrigação antigos que produzem pouco alimento com muita água.

Flávia Teodoro

Falar em escassez de água em um país que detém quase 20% das reservas globais desse recurso natural parece desnecessário ou fora de hora. No entanto, a poluição e o desperdício diminuem a quantidade e a qualidade deste recurso natural a cada dia. Quem viveu a seca alerta que a problemática da água deve estar no centro das atenções diárias de todos nós. Dom José Rodrigues, que morou durante 28 anos em Juazeiro, revela a grande agonia de viver sem água. “Não é possível esquecer das crianças que perderam a vida por causa da sede ou por doenças provocadas pela escassez de água”.

Para Michael Becker, secretário do WWF (Fundo Mundial para a Natureza) no Brasil, a escassez de água não é uma ameaça futura, mas sim um problema presente. É o que garante também Jerson Kelman, presidente da Agência Nacional das Águas (ANA): “Nós já convivemos com falta de água há séculos no semi-árido. Em 1970, metade da população que morreu no Ceará foi de sede e de fome. O que não se via antes é o que acontece hoje nas grandes cidades, que começam a ser afetadas por falta de água. São Paulo e Rio de Janeiro recentemente ficaram a um passo do racionamento”.

Independente de maior ou menor disponibilidade de reservas hídricas, brasileiros de todas as partes do país sofrem com a falta de acesso à água. Mais de oito milhões de famílias brasileiras não têm acesso a água de boa qualidade em suas casas, inclusive na Amazônia. Kelman explica que isso acontece por duas razões: “A densidade populacional tem aumentado, mas os rios são os mesmos, só que mais poluídos. É preciso buscar água cada vez mais distante das cidades, principalmente porque os mananciais estão ficando cada vez mais poluídos. Para reverter este quadro é preciso fazer um pesado investimento na coleta e tratamento de esgoto. Afinal, o esgoto de cerca de 70% da população brasileira não sofre nenhum tipo de tratamento antes de retornar para os rios”, alerta.

Privatização da água: Não há quem não fique com os cabelos em pé quando escutam a palavra privatização ligada à palavra água. No entanto, o presidente da ANA mostra que o governo é sim favorável a esta medida e chega a defender uma cota mínima diária de 50 litros de água por pessoa. “Existe uma discussão sobre a água como um bem de valor econômico e um direito básico do ser humano. Por mais que pareça paradoxal, esses dois conceitos não são contraditórios. A quantidade de água que um ser humano necessita é pequena, da ordem de 50 a 100 litros por pessoa por dia, para ter sua higiene, para ter a casa limpa, etc. Essa quantidade é um direito humano, passou disso pode ser cobrado. Agora não pensamos em fazer com que os pobres paguem por esse benefício. Mas precisamos evitar os abusos”.

Segundo ele, uma família de quatro pessoas consome 200 litros de água por dia, o que seria suficiente. “Já um produtor que tenha dois mil hectares gasta água para irrigar sua terra, que seria suficiente para abastecer 400 mil famílias. Este fazendeiro precisa pagar por isso, até para que ele use métodos de irrigação mais econômicos”. Apesar dos bons argumentos do governo federal, a ONG WWF não aceita a idéia de privatizar este bem natural e nem mesmo considera correta a definição de uma cota mínima.

“Acho que devemos discutir soluções apropriadas para uma boa gestão da água. O que é necessário é um bom manejo integrado da água. A WWF não vê a água como um meio de consumo comum, como um telefone ou uma televisão que você pode privatizar. Deve haver a garantia da água como um bem comum a todos. Lutamos justamente contra a exclusão hídrica, para que a água seja distribuída para todas as camadas da população. Não dá para ter a privatização como uma solução geral para o abastecimento humano”, afirma Michael Becker, que é engenheiro ambiental.

Para a ONG, embora o Brasil tenha uma legislação moderna - talvez seja o país com o maior número de comitês de bacia - a gestão ainda não se dá de forma preventiva. Uma das maiores autoridades em recursos hídricos no Brasil, o cearense Aldo Rebouças, geólogo e

pesquisador do Instituto de Estudos Avançados (IEA), da Universidade de São Paulo, diz que é mais importante saber usar a água do que ostentar a abundância do líquido, em uma clara advertência ao Brasil, que detém a maior descarga de água doce do mundo - 183 mil metros cúbicos/segundo. Para ele, o Brasil deve adotar a cota mínima de água por habitante, mas sem cobrança, considerando o direito que a pessoa teria à coleta e ao tratamento de esgoto. “Essa cota diária deveria ser de 100 litros por habitante e não de 50 litros, como pleiteavam algumas ONGs no fórum de Quioto. Acima desse volume, a água seria cobrada quando tivesse um fim econômico”.

Dom José Rodrigues acha que a discussão sobre a água no Brasil ainda está sendo subestimada: “Na Bahia o Governo do Estado já tinha vendido a empresa de saneamento para uma empresa da Inglaterra, mas houve um movimento extraordinário da população que segurou este projeto. A água não pode virar mercadoria, senão só os ricos terão a água necessária para a vida. A água é um bem natural de Deus. Não existe vida humana sem água, pois tem relação direta com a manutenção da saúde humana e do ambiente, com a perpetuação da vida”.

Onde a seca é pior

O Semi-árido brasileiro é um dos maiores, mais populosos e também mais úmidos do mundo. Estende-se por 868 mil quilômetros, abrangendo o norte dos Estados de Minas Gerais e Espírito Santo, os sertões da Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí e uma parte do sudeste do Maranhão. Vivem nessa região mais de 18 milhões de pessoas, sendo 8 milhões na área rural. O índice de chuvas é de 750 milímetros anuais, em média.

Na pior das secas, chove pelo menos 200 milímetros, o suficiente para dar água de qualidade a uma família de cinco pessoas por um ano. Mas a chuva é má distribuída física e temporalmente. Devido às características climáticas da região, o Nordeste possui um dos maiores índices de evaporação do Brasil, o que torna reservatórios de água pouco profundos inúteis em épocas de seca.

Além disso, a água dos barreiros e açudes baixadas onde se acumula a chuva é geralmente poluída e cheia de vermes. Essa água é responsável por grande parte das doenças do sertão: amebíase, diarreia, tifo, cólera. Por isso, a esperança das pessoas da região está no Projeto Cisternas, já existente por meio da Cáritas Brasileira (instituição de assistência social ligada à Igreja Católica). Agora, o projeto está sendo implementado pelo Governo Federal. De acordo com Jerson Kelman, a idéia é construir 1 milhão de cisternas que beneficiem 5 milhões de pessoas no prazo de cinco anos. Já foram construídas 4.000 cisternas, a um custo estimado de R\$ 1.300,00 para cada cisterna. Mas ele mesmo admite que isso não é suficiente: “Durante muitas décadas, a solução para o semi-árido foi a construção de diversos açudes, o que foi um erro, porque eles fazem com que a água seja evaporada. Também não se pode resolver o problema da falta de água no semi-árido só com obras. De acordo com a Agência Nacional de Águas, será criado um sistema de direito de uso de água na região. “Sem ele as pessoas funcionam como lei da selva hídrica, quem está rio acima faz o que quiser com a água, quem está rio abaixo que se acomode. Temos que criar um sistema de administração dos rios”, afirma Kelman.

Para Dom José Rodrigues, que participou do Projeto Cisternas enquanto esteve em Juazeiro, os benefícios da medida consistem em reduzir drasticamente a mortalidade infantil, combater o analfabetismo, aumentar a renda das famílias, organizar as comunidades e frear o êxodo rural. “Uma cisterna consegue captar 16 mil litros de água, o que dava para manter uma família no período de seca – que é de abril a dezembro”, explica. Há também a queda dos casos de verminose. Uma comunidade da Bahia acusou 100% de habitantes com verminose antes da construção de cisternas. Depois das cisternas, caiu para 7%.

Previsões catastróficas

Mais de um sexto da população mundial, o que corresponde a 1,1 bilhão de pessoas, já não tem acesso a fornecimento de água. A situação piora quando se fala em saneamento básico, que não faz parte da realidade de 39% da humanidade, ou 2,4 bilhões de pessoas. E mais: 5 milhões de pessoas morrem de doenças causadas por água contaminada a cada ano – um número dez vezes maior que o de mortos em guerras em todo o mundo.

Os dados fazem parte de relatório da Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura). Mas se a situação está ruim, ela pode ficar ainda pior. A ONU prevê

que até 2050, quando 9,3 bilhões de pessoas devem habitar a Terra, entre 2 bilhões e 7 bilhões de pessoas não terão acesso à água de qualidade - seja em casa ou em comunidade. Na melhor das hipóteses, a seca atingirá duas em cada três pessoas. A diferença entre esses extremos depende das medidas adotadas pelos governos.

Afinal, a crise que se aproxima está sendo atribuída à má administração dos recursos hídricos, ao crescimento populacional e às mudanças climáticas por que passa o planeta. As áreas sob maior risco de enfrentar a falta de água estão nas regiões semi-áridas da Ásia e da parte da África ao sul do deserto do Saara. A quantidade de água disponível per capita vem caindo desde 1970. "As reservas de água estão diminuindo, enquanto a demanda cresce de forma dramática, em um ritmo insustentável", afirmou o secretário-geral da ONU, Kofi Annan, em um comunicado. A falta de água potável e saneamento básico já mata 6.000 crianças por dia em todo o mundo, mais de 2,2 milhões de pessoas morrem todo ano e metade dos leitos hospitalares - em todo o mundo - está ocupado por pacientes com doenças causadas pela escassez desse recurso.

Guerra pela água

Qual a moeda de troca das décadas ou séculos vindouros? Não poucos estudiosos indicam a água como uma das mercadorias mais cobiçadas no futuro relativamente próximo.

Há quem diga também que o discurso sobre a escassez de água é ambíguo e perigoso e seria usado como uma forma indireta de elevar o seu preço, o que acaba fazendo o jogo daqueles que detêm o poder de manipular os recursos naturais e as pessoas. Segundo Jerson Kelman, presidente da ANA, quando se fala em guerra pela água não significa dizer que haverá ocupação de um rio e a exportação da água, como ocorre com o petróleo.

Números curiosos

- 97% da água existente no planeta Terra é salgada e ocupa mares e oceanos, 2% formam geleiras inacessíveis e apenas 1% é água doce, de lençóis subterrâneos, rios e lagos.
- 90% da água potável disponível nos países subdesenvolvidos é usada na agricultura.
- Cada pessoa precisa de 50 litros de água por dia para suas necessidades básicas.
- Cultivar um quilo de arroz normalmente consome 3.000 litros de água.
- Uma pessoa come, em média, 58 quilos de arroz por ano.
- Fabricar a farinha utilizada para assar um pão francês consome 70 litros de água.

Fonte: CGIAR (Consultative Group on International Agricultural Research)

Faça sua parte

Confira algumas dicas bastante úteis para economizar água no seu dia-a-dia:

- Não deixe torneiras pingando e verifique sempre se não há vazamentos no encanamento;
- Não tome banhos muito demorados. Além de água, você também economiza energia. Troque ducha por chuveiro. Em 15 minutos, um banho de ducha de alta pressão consome 135 litros de água; um chuveiro elétrico economiza em média 30% menos.
- Dê preferência às caixas de descarga em vez de válvulas. São mais econômicas e proporcionam o mesmo resultado; Quando acionada, a válvula de descarga despeja entre 10 e 30 litros, já a caixa acoplada, usa de 4 a 24 litros.
- Ao escovar os dentes, fazer a barba, lavar a louça ou o carro, etc., não deixe a torneira aberta desnecessariamente. Só abra quando for realmente utilizar a água; Em cinco minutos, a torneira da pia desperdiça até 80 litros de água; abri-la apenas na hora de enxaguar economiza 25%.
- Se você possui uma lavadora de roupas, espere acumular e lave tudo de uma só vez, aproveitando sempre a capacidade máxima especificada pelo fabricante;
- Lavar o quintal ou a calçada consome muita água. Avalie se esta é, realmente, uma necessidade. Muitas vezes, uma boa varrida é o suficiente. Uma mangueira aberta por 30 minutos libera até 560 litros; com um balde, o gasto cai para 40 litros.

TEODORO, F. **A Última Gota**. Revista Brasileira, Brasília, ano II, fev. 2004.